

A Prática na prática

Chrystiane Alves de Freitas

Instituto Olavo Bilac – Nova Iguaçu

Resumo: Uma aluna do 3º. ano do Ensino Médio relata sua experiência com a Prática Exploratória, sua participação em um evento de alunos e professores e as conseqüências geradas na sua sala de aula.

Palavras-chave: literatura, oficina, prática.

Era um dia comum, como todos os outros, a aula de Literatura se iniciava e já era esperada a rotina de sempre. A professora Fátima leva os alunos a argumentarem e formularem entre si alguns “*por quês*”, cada um deveria fazer uma pergunta, um “por que” diferente sobre qualquer coisa. Surgiram várias questões sobre os mais diversos assuntos possíveis como, por exemplo: Por que julgamos? Por que lidar com as pessoas é tão difícil? Por que complicamos coisas tão fáceis? Desta pergunta originou o nosso maravilhoso trabalho de Prática Exploratória. Para falar a verdade, até aquele momento eu não sabia do que se tratava essa tal de Prática Exploratória, mas resolvi seguir em frente.

Fomos, então, convidados para ir à PUC-Rio para participar de uma reunião entre professores e alunos. Participei, estava interessada e adorando descobrir algo que não sabia definir. Comigo também estavam mais três amigos de turma. Assim que chegamos, não estávamos muito à vontade. Sempre que estamos em um ambiente novo a insegurança é grande, porém foi apenas momentânea. Nós fomos divididos em grupos para trabalharmos em oficinas diferentes onde notamos que a figura de aluno e professor já não existia. Sentados em círculos conversávamos expondo nossas opiniões de uma forma agradável e bem diferente e inovadora. Não estava acostumada com um ambiente onde pessoas com grande conhecimento estão interessadas em saber o que você pensa. Foi simplesmente muito produtivo, e comecei a entender um pouquinho sobre a Prática Exploratória.

Na volta à escola, nossa tarefa foi passar para os amigos de classe tudo o que ocorrera nesta visita. Ficaram empolgados, mas nem tanto, pois tínhamos nas mãos um

trabalho para organizar, um trabalho que faria parte do 8º Encontro Anual de Prática Exploratória na PUC. Nossa que responsabilidade! Que medo me deu...

A idéia floresceu: A PE foi para dentro da Literatura com um tema bem direto: “*Literatura, complicar pra quê?*”. Desenvolvemos nosso trabalho sobre os problemas que muitos de nós sofremos com a leitura, muitas barreiras que colocamos e complicações que geramos sem necessidade. O trabalho ficou muito bom, mas aos meus olhos ainda não tinha contagiado a todos.

No dia do encontro chegamos com muita curiosidade, vontade de curtir e aproveitar a oportunidade. Participamos de oficinas, conhecemos novas pessoas, acrescentamos experiências, pensamentos e o mais importante um pequeno conceito de Prática Exploratória. O trabalho passou, as lembranças e principalmente o aprendizado continuaram presentes na vida de cada um que ali esteve e que também participou indiretamente.

Chegando ao 3º ano do Ensino Médio, voltamos às aulas de modo diferente. Todos tinham mudado. A sala já não era mais a mesma: alunos antigos que eram novos, novos que não eram bem aceitos pelos novos antigos. Muita coisa havia mudado, estávamos como uma turma de tribos separadas e distantes dentro de um espaço onde somos obrigados a conviver por quase 7 horas por dia. A situação parecia cômoda para muitos.

Neste momento “a Prática entrou em prática”. É engraçado, mas é verdade. A professora de Literatura pediu para nós alunos, que participamos da oficina “*Ser diferente é Normal*”, realizássemos este trabalho em nossa sala de aula.

A experiência foi além das expectativas, pois ao separarmos os grupos para discutirem e conversarem sobre várias questões levantadas, percebemos que os problemas dentro de sala eram muitos - problemas de convivência, aceitação, divisão de pessoas, dentre outros. Ao escutar a opinião de cada um, senti-me muito mal, pois percebi o que estava acontecendo no meu ambiente, coisas que sempre fui contra e que estava tão fechada em meu meio que não pude perceber. Foi aí que a PE refletiu em mim, na prática e tive muitos pensamentos.

Muitas vezes complicamos as coisas e pensamos que somos “normais” como todos os outros. O fato de essa afirmação ser totalmente falsa dá-se pelo simples motivo de ninguém ser “igual”! O “igual”, na verdade, não existe! Todos nós temos diferenças enormes. Mesmo dentro de nossas chamadas “tribos”, somos todos diferentes, com

sentimentos diferentes, pensamentos, opiniões e, o mais importante, personalidades totalmente opostas.

A questão para a qual minha atenção é voltada é a de sempre tentarmos explicar e questionar o outro: a sua vida, suas ações, sua maneira de agir, pensar, enfim, a todo o momento temos o péssimo hábito de julgar o próximo e observar detalhadamente seus erros e defeitos. O intrigante desse “círculo vicioso” é que esquecemos que todos têm defeitos, erros, mau humor, e opiniões diversas.

Passo, então, a pensar em uma outra pergunta: “para quê?” Se, por um pequeno momento, pudéssemos parar de questionar e criticar a atitude do outro, lembrando-nos de que ninguém é perfeito e que cada um tem seus defeitos, como seria diferente. Temos a obrigação, como seres humanos que convivem em um meio, de respeitar e tentar mudar.

Hoje compreendo várias coisas que não compreendia antes. Sei que todos mudam, somos eternos *prismas*. Temos nossas faces, nossos momentos ruins e bons. Somos assim, todos, uma “Metamorfose Ambulante”, uma mudança atrás da outra. Será que percebemos esta mudança? Acho que não. Apenas com muita reflexão e bom senso conseguimos ver criticamente como mudamos de um tempo para o outro, como mudamos pelas situações da vida, pelas vivências e experiências que tivemos e passamos e pelo processo de construção desse auto-entendimento.

Prestem atenção, pois a melhor parte se encaminha: se mudamos tanto, mesmo tendo medo de mudanças; se tanto queremos ser diferentes e “normais”, diferentes iguais a todo mundo, por que não podemos **MUDAR O MEIO EM QUE VIVEMOS?**

Quero ser diferente no sentido de fazer a minha parte. Se cada um fizer a sua, imaginem como será a nossa vida, seja dentro de uma sala de aula ou no local de trabalho. Vamos passar a respeitar e não tentar questionar o próximo e suas diferenças, somos diferentes e é assim que tem de ser!

A Prática Exploratória trouxe para mim um pensamento que estava escondido. Somos pessoas diferentes, “normais” que devem se respeitar e conviver em harmonia pra fazer a diferença em um mundo tão igual.

Este é o meu objetivo...

A AUTORA

Chrystiane Alves de Freitas é formanda do ano de 2007 do Ensino Médio e do Curso de Formação de Professores da rede particular. Amante da Prática desde 2006.
E-mail: chrychrys@gmail.com